



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL

no comício realizado em Seia, a 23/2/1975

Camaradas e amigos:

Parece que os fascistas quiseram impedir que este comício se realizasse. Deram uns tiros, fizeram provocações, rasgaram cartazes, pintaram ameaças nas paredes.

Pensavam talvez que os comunistas da região desistiam, que eu não vinha, que o comício se não realizava.

Mas afinal, cá estou, camaradas, cá estamos todos! E este comício mostra bem que o povo de Seia, o povo da Beira Alta, não se deixa já amedrontar pela reacção fascista e está firmemente disposto a exercer e a defender a liberdade alcançada com o 25 de Abril.

É pois com profunda alegria que agradeço o convite para vir a Seia e que transmito à Organização Regional das Beiras do PCP e à Comissão Concelhia de Seia do PCP, pela sua corajosa acção e pelo trabalho realizado na propaganda e organização deste comício, as calorosas e fraternais saudações do Comité Central do Partido Comunista Português.

Saúdo também o povo de Seia, vila onde passei a minha infância, fazendo sinceros votos pela sua vida livre e a sua prosperidade.

Permiti ainda que transmita as mais cordiais saudações do PCP aos operários desta região, aos operários de Seia, S. Romão, Unhais, Loriga, Vodra, Gouveia e outras localidades, que formam o núcleo proletário mais importante desta zona do país e, passando para a outra vertente da serra, aos operários da Covilhã e Tortosendo que vejo estarem aqui representados, apelando para que se unam e se organizem em defesa dos seus legítimos interesses contra a exploração, contra a reacção, pela liberdade.

Permiti, finalmente, que saúde também em nome do PCP, por vosso intermédio, todo o povo da Beira Alta, com a confiança em que alcançará a breve prazo uma vida melhor.

1. Palavras amigas e de esperança

Camaradas e amigos:

Compreende-se que o sr. Joaquim Fernandes Simões e outras pessoas semelhantes cá destes sítios não gostem que em Seia se digam certas verdades.

Eles não gostam que os comunistas venham a Seia, venham à Beira Alta, para afastar as trevas da mentira, para apontar os exploradores e opressores, para trazer ao povo uma palavra amiga e fraternal de esperança no futuro.

Não gostam que os comunistas falem directamente ao povo e digam em voz alta o que o povo murmura a baixa voz e proclamem o que pensam e o que querem.

ABM

Não gostam que os comunistas digam ao povo que deve unir-se, organizar-se, lutar para sair da miséria e das dificuldades.

Que tem de lutar para ganhar nas suas próprias terras o bastante para si e para os seus filhos de forma a não ter que emigrar para países distantes à procura de trabalho e de pão.

Que têm de lutar nas fábricas para que sejam pagas as horas extraordinárias, para que os operários sejam colocados e pagos segundo as suas categorias e para que, conforme a lei, sejam cumpridos os contratos colectivos de trabalho (o que parece não suceder nas fábricas desta região).

Que o povo tem de lutar para resolver o problema da água e dos esgotos, que necessita de ser urgentemente resolvido.

Que tem de lutar para que haja transportes que permitam aos trabalhadores das cercanias de Seia frequentarem a Escola Técnica Industrial.

Que tem de lutar, unir-se, organizar-se, nos campos também, para melhorar a situação, para que baixem os impostos, para que haja mercado para os produtos agrícolas, para que baixem as rendas pagas pelos pequenos agricultores, para que lhes sejam concedidos créditos e ajudas em adubos e melhores preços, em sementes seleccionadas e em máquinas.

Aqueles que espalham a mentira não agrada que os comunistas possam vir informar os pequenos comerciantes que, se estão mal a culpa não é do Cunhal como propagam, mas do grande capital, dos grandes capitalistas, que chamaram a si todos os benefícios da produção portuguesa, que monopolizaram a banca, a indústria e o comércio, e que amontoaram fabulosos lucros que agora enviam de contrabando para os bancos estrangeiros, arruinando a economia portuguesa.

Nenhuma outra força política tem feito mais que o PCP em defesa dos interesses dos pequenos comerciantes, tomando nesse sentido numerosas iniciativas como ainda recentemente um grande Encontro Nacional de pequenos e médios comerciantes realizado em Lisboa sob a iniciativa do PCP. Nós dizemos aos pequenos comerciantes: a culpa da vossa má situação não é do PCP como afirma a reacção. A verdade é que «Os comerciantes estão mal, por causa do capital». Esta é que é a verdadeira origem da vossa situação.

Aos exploradores e opressores não agrada que os comunistas venham para servir o povo trabalhador com a sua experiência, para dizer aos operários da indústria e do campo, assim como aos empregados, que fortaleçam os seus sindicatos, para dizer aos camponeses que criem Ligas de Pequenos e Médios Agricultores que noutras regiões estão sendo valiosos instrumentos para a defesa dos interesses das massas trabalhadoras dos campos.

Não trazemos connosco palavras de ódio, mas palavras de activa solidariedade e de interesse profundo pela sorte dos explorados e oprimidos.

Não trazemos palavras de dúvida, incerteza, insegurança e alarme, mas palavras de inabalável confiança no futuro.

Não trazemos ameaças de tiros e de mortes, mas o anúncio de um Portugal democrático e pacífico onde o povo seja o senhor do seu destino.

E é por isso que os grandes senhores e a reacção nos combatem. E é por isso que inventam contra os comunistas as mais monstruosas mentiras e calúnias.

2. A campanha anticomunista

Em nenhuma outra região mais que na Beira Alta, o anticomunismo é primitivo e grosseiro.

Eu pergunto-vos, camaradas e amigos:

Sim ou não nas vossas vilas e aldeias os reaccionários dizem que os comunistas, se vierem, tiram as terras, as casas e até o dinheiro aos camponeses?

Sim ou não dizem, como faz o padre Matos, de Malhada Sorda, no concelho de Almeida, que os comunistas matam os velhos quando deixam de poder trabalhar?

Sim ou não dizem que os comunistas roubam os filhos aos pais?

Sim ou não dizem que os comunistas perseguem a religião e proíbem o culto?

Sim ou não espalham também aqui as histórias de que tal ou tal dirigente do PCP tem uma fortuna, ganha dezenas de contos mensais, é parente do Rapazote e vive no Hotel Ritz?

Sim ou não falam dos comunistas como se fossem ladrões ou assassinos?

E sim ou não há gente e gente boa que pouco conhece do mundo e que, à força de ouvir tantas e tantas vezes estas patranhas, acaba por acreditar nelas?

Nós sabemos que assim é. Não nos dói que a reacção o diga, porque se os exploradores e opressores nos odeiam, é porque alguma coisa estamos a fazer em defesa do nosso povo. Mas dói-nos que filhos do povo, por falta de informação, possam acreditá-lo.

Camaradas e amigos: só quem mente tem medo da verdade. Os reaccionários não querem que os comunistas falem, querem impedir os comícios dos comunistas, porque os comunistas mostram que eles mentem, porque os comunistas trazem a verdade ao povo.

São aqueles que vivem da exploração do povo trabalhador que têm medo da palavra dos comunistas. Porque os comunistas são a consciência, a verdade e a voz do povo trabalhador.

E qual é a verdade, camaradas e amigos?

Se um dia tivermos uma influência determinante na política do país, o que faremos nós, os comunistas?

Podeis estar absolutamente certos de que não tiraremos nem um centímetro de terra aos camponeses, antes tudo faremos para que seja entregue aos camponeses pobres o excesso de terra que pertence a grandes e ricos senhores que tudo têm e nada fazem.

Podeis crer, camaradas e amigos, que não tiraremos as casas aos camponeses, antes tudo faremos para que as suas casas sejam mais confortáveis, tenham luz, água e instalações sanitárias como a grande maioria ainda hoje não tem.

Não tiraremos os filhos às mães, antes tudo faremos para que não haja mais crianças descalças e famintas, para que os filhos dos pobres possam frequentar as escolas, instruir-se, adquirir uma preparação profissional.

Tudo faremos para que os velhos tenham uma pensão certa e não tenham, como hoje têm, a velhice triste e miserável depois de passarem a vida inteira a trabalhar.

Quanto à religião, defendemos firmemente o direito de cada cidadão professar uma religião e praticar um culto e opomo-nos a quaisquer perseguições à Igreja e ao clero. São alguns padres que nos perseguem. Não somos nós que os perseguimos.

Por esse país fora lutamos lado a lado com os católicos e há muitos católicos (até sacerdotes) que são membros do Partido Comunista.

Nós, os comunistas, não temos outro objectivo na vida que não seja servir o povo trabalhador do nosso país. No tempo do fascismo, milhares de comunistas foram perseguidos, torturados, condenados a pesadas penas de prisão, apenas por defenderem firmemente os interesses do povo trabalhador. Só os membros do Comité Central do nosso Partido, na sua composição actual, passaram no conjunto mais de 300 anos nas prisões. Milhares de outros camaradas passaram pelos horrores da PIDE, das prisões, das fortalezas fascistas e do campo do Tarrafal de sinistra memória.

Esta batalha continua nas novas condições criadas pelo 25 de Abril. Os comunistas estarão sempre, em quaisquer condições, ao lado do povo trabalhador, ao lado dos que trabalham nas fábricas e nos campos, ao lado de todos os explorados e oprimidos.

Se os fascistas e reaccionários conduzem uma histórica campanha anticomunista, não é senão porque os comunistas estão inteiramente ao serviço do povo trabalhador e em sua defesa contra os grandes senhores do dinheiro e das terras.

3. É urgente definir posições

Que os fascistas reaccionários conduzam uma campanha anticomunista é compreensível.

Menos compreensível é que também conduzam tal campanha dois partidos que pertencem, tal como o Partido Comunista, à coligação governamental.

Eu preferiria atacar aqui apenas a reacção e não ter de fazer críticas a partidos que estão na coligação.

Eles desenvolvem, porém, aqui as suas actividades e, se os ouvis, sabeis bem que, na propaganda contra o Partido Comunista não temem meças com ninguém.

Para nós, comunistas, o primeiro grande inimigo do nosso povo é a reacção que pretende liquidar as liberdades e fazer regressar Portugal a uma ditadura terrorista. A reacção é o grande inimigo que todos os democratas unidos devemos combater.

Como explicar então que, subitamente, o Partido Socialista e o PPD se tenham lançado numa violenta campanha, não contra a reacção, mas contra o PCP?

Como explicar que tais partidos, ao mesmo tempo que afirmam que não há um perigo de direita, tenham inventado de princípio ao fim a história de que o PCP estava a preparar um golpe para liquidar e instaurar uma nova ditadura?

Quanto ao PPD existem é certo alguns aspectos que facilitam a compreensão de tal atitude.

Por um lado o PPD nasceu do ventre da ditadura fascista e mamou no seio do fascismo o primeiro leite político.

Por outro lado e por essa província fora, os homens do PPD são em numerosos casos os velhos conhecidos dos velhos tempos, isto é, gente do antigo partido fascista, a ANP.

Acreditamos na mudança dos homens e há gente no PPD que, nas suas remotas origens foi, no regime fascista, sucessivamente colaborante, colaboracionista e dissidente,

para acabar em social-democrata após a conquista da liberdade. Há, porém, nas estruturas locais do PPD muita gente da antiga ANP que nada mudou das ideias, da mentalidade e dos processos fascistas.

E isto conduz a uma situação grave: o PPD apresenta-se com uma fachada social-democrata no Porto e em Lisboa e uma fachada reaccionária de pura gema nas suas secções de numerosas vilas e aldeias.

Temos que dizer com toda a clareza: se o PPD pretende ser um aliado do PCP no Governo Provisório é bom que não faça guerra ao PCP nas vilas e aldeias da Beira Alta.

O PCP não deseja combater qualquer partido democrático. Mas temos de combater o anticomunismo e temos de combater a reacção onde quer que se encontre, mesmo que se cubra ou encubra com o rótulo de tal ou tal partido.

Quanto ao Partido Socialista, o seu anticomunismo está ligado a uma nítida deslocação para a direita, procurando novas alianças contra o prosseguimento do processo revolucionário.

Tanto o PS como o PPD ameaçaram recentemente sair do Governo Provisório. Tal saída seria sem dúvida má para a democracia portuguesa. Mas seria certamente pior para qualquer dos partidos. Acabaram pois por ficar na coligação, junto com o MFA e com o Partido Comunista.

Esta decisão não resolve porém todos os problemas, pois o tom da actividade destes dois partidos nada mudou. É absolutamente necessário que estes dois partidos tornem claras as suas intenções. E aqui na Beira Alta, como nas outras regiões do país, isso tem de ser-lhes perguntado. Que pretendem afinal?

Ligarem-se aos comunistas contra a reacção ou ligarem-se à reacção contra os comunistas?

Seguirem com o MFA e com as demais forças populares uma política antimonopolista e antilatifundista ou fazerem um pacto com os monopolistas e latifundiários contra o MFA e o povo trabalhador?

Já depois de anunciado este comício em Seia, dizem-me que o PS acaba de anunciar que vem a Gouveia. Seria bom que então dessem resposta a estas questões e que em vez de caluniarem o PCP, desmascarassem a reacção.

O PCP, pela sua parte, está disposto a lutar lado a lado com todos os que querem lutar contra os inimigos do nosso povo, contra os fascistas e reaccionários, contra os que querem instaurar de novo em Portugal a ditadura fascista.

O PCP, como tem muitas vezes repetido, continua consequentemente a sua política de unidade, está pronto a unir às suas forças as forças de todos aqueles que querem defender e consolidar as liberdades (sejam socialistas, democratas, liberais, católicos, progressistas) que querem a instauração de um regime democrático, que querem as transformações sociais que respondam aos interesses, aos anseios, às aspirações, aos objectivos do povo trabalhador de Portugal.

4. As eleições na Beira Alta

Dentro de pouco realizam-se eleições para a Assembleia Constituinte. Pela primeira vez, depois de quase meio século de tirania fascista, o povo português é chamado a votar em liberdade. Trata-se de um acontecimento histórico na vida política portuguesa e de um novo passo na construção da democracia portuguesa.

Infelizmente nem em toda a parte estão criadas condições para que o povo seja devidamente informado do que querem os partidos e os seus candidatos. Também nem em toda a parte nas operações preparatórias das eleições se verificou o respeito pelas normas democráticas. Foi isso que aconteceu precisamente nos distritos da Guarda e de Viseu.

A seu tempo, a Comissão Distrital da Guarda do PCP chamou a atenção para irregularidades então verificadas. Nos 14 concelhos do distrito, apenas em 4 o PCP foi consultado para a formação de comissões de recenseamento. O saneamento atrasou-se extraordinariamente e ainda em fins de Dezembro muitas freguesias continuavam por sanear.

Também a seu tempo a Comissão Distrital de Viseu do PCP informou que em 15 dos 24 concelhos do distrito, o PCP não foi consultado nem chamado para as comissões.

Não é assim que se preparam as eleições livres que o nosso povo deseja e às quais tem direito depois do 25 de Abril.

Os fascistas e reaccionários acusam os comunistas de quererem pôr fim às liberdades e instaurar uma nova ditadura. Mas os fascistas mostram todos os dias que quem pretende impedir a liberdade e quem usa os métodos ditatoriais não são os comunistas, mas a reacção e seus comparsas.

Os fascistas e reaccionários dizem que os comunistas têm receio das eleições. Mas quem tem receio das eleições, de eleições dignas desse nome, são os fascistas

e reaccionários. São eles quem tem medo de eleições em que o povo vote com consciência, porque foi informado, porque pôde ouvir os candidatos, porque pôde conhecer o que cada qual pretende, porque pôde comparar e escolher.

Em toda a parte, tenham o rótulo que tiverem, intitulem-se Frente Reaccionária, como no Sabugal, ou digam ser do PPD como em Vila Nova de Paiva e Oliveira do Conde, os fascistas distinguem-se pela intolerância, a brutalidade, a intimidação, a tendência para abafar e silenciar pela violência física qualquer oposição que lhes seja feita.

Para ver isso, os senenses não têm que sair de Seia. Os beirões não têm que sair da Beira.

Como procedem os reaccionários? Como preparam as eleições livres e democráticas estes falsos amigos da liberdade?

Será preparar eleições livres e democráticas sabotar sessões de esclarecimento do PCP, cortando luzes e agredindo os participantes como fizeram no Sabugal?

Será preparar eleições livres e democráticas agredir coladores de cartazes como fez o comandante dos bombeiros de Trancoso? Ou ameaçar de abatê-los a tiro, como fez um seu comparsa?

Será preparar eleições livres e democráticas esfaquear gente e cortar pneus como fizeram em Vila Nova de Paiva, freguesia do Touro? Ou será prepará-las ameaçando de eliminar os democratas «quando isto virar» (mas não vira) como faz o guarda reformado da PSP, Abílio Andrade, em S. Pedro do Rio Seco, no concelho de Almeida, e fazem muitos outros em todos os concelhos e todas as freguesias ainda dominadas pela reacção?

Afinal quem quer a ditadura e quem não respeita as liberdades? São os comunistas ou são os reaccionários?

Para que aqui na Beira Alta, como em qualquer outra província, se realizem eleições que possam ser consideradas como tal, é necessário que haja liberdade de informação e propaganda para todos os partidos e para todos os candidatos, que possa falar quem queira falar, que não haja coacções físicas ou morais, que cada eleitor possa votar segundo a sua consciência e que, quando um partido venha falar às Beiras, quando um ministro do governo democrático venha falar às Beiras, não mais comecem a gritar que «morrerás em Seia».

Aqueles que queiram impedir o exercício das liberdades caem sob a alçada da lei e devem por isso ser julgados e castigados.

O voto não é obrigatório. Tudo quanto sobre isto diga a reacção é pura mentira. Ninguém pode ser obrigado a votar. E muito menos ninguém pode ser obrigado a votar num ou noutro partido sob ameaças. É de desejar que todos os cidadãos votem. Mas é preferível que não votem a votarem sob a ameaça de sofrerem represálias, de serem despedidos, ou agredidos, ou maltratados, ou liquidados «se isto virar», como dizem os fascistas.

A batalha por eleições livres não é só tarefa do governo. É tarefa de todos os portugueses. É vossa tarefa também.

O povo da Beira Alta deve exigir que lhe seja assegurado o exercício efectivo das liberdades alcançadas pelo 25 de Abril. Os democratas da Beira Alta devem desmascarar os fascistas e reaccionários, dar-lhes firme combate, obrigá-los a cumprir as leis e solicitar a ajuda do Governo Provisório, que quer eleições livres, e do MFA, que é o garante do exercício das liberdades.

Hoje em Portugal não existe mais uma ditadura. Existe um governo democrático.

Se nos unirmos, organizarmos e lutarmos, faremos recuar a reacção e conseguiremos nas eleições para a Assembleia Constituinte a confirmação da vontade do povo português de defender as liberdades e realizar transformações económicas e sociais que assegurem o melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras.

5. É necessário pôr fim ao medo

É necessário pôr fim ao medo na Beira Alta.

É necessário pôr fim ao medo na luta pelo pão, a saúde e o lar dos que trabalham, pelo bem estar e a educação dos filhos, pela liberdade para todos.

Fiados na distância das grandes cidades, fiados em que ninguém pode de longe saber o que se passa, fiados em apoios que lhes vêm de Lisboa, os fascistas e reaccionários julgam ficar impunes para sempre.

Julgam que poderão negar-se para sempre a pagar as horas extraordinárias aos operários e a cumprir os contratos colectivos de trabalho. Que poderão manter para sempre as fábricas de Gouveia sem refeitórios nem instalações sanitárias. Que poderão ter para sempre os camponeses pobres endividados, arruinados e humilhados pelos grandes senhores que tudo se permitem.

Julgam que poderão manter o seu domínio sobre o povo, que poderão manter as trevas do fascismo, que poderão impedir o exercício das liberdades, que poderão manter no Portugal democrático de hoje zonas submetidas à opressão do passado.

Nós prevenimos seriamente os fascistas e reaccionários. Percam de vez a ideia de fazer regressar Portugal ao tenebroso passado fascista. Portugal não regressará ao passado. Portugal caminhará em frente para um regime democrático e independente que salvaguardará as liberdades e satisfará as mais profundas aspirações do povo português.

Chegou a hora de pôr fim aos tiranetes locais, aos mandões fascistas que exploram, oprimem, enganam, ameaçam, coagem, aterrorizam o povo trabalhador da Beira Alta.

O povo tem consigo a lei, tem consigo o governo, tem consigo o MFA, tem consigo as forças verdadeiramente democráticas.

Camaradas e amigos: Podereis estar absolutamente certos — o 25 de Abril chegará aos mais remotos recantos da nossa pátria.

Não haverá concelho, nem freguesia, nem aldeia, nem lugar por muito escondido que esteja, onde o sol radioso da liberdade não acabe por chegar, onde a mentira e a calúnia não tenham de ceder o lugar à informação e à verdade, onde os caciques e tiranetes não tenham que ceder o mando às autoridades democráticas escolhidas livremente pelo próprio povo, onde a reacção não acabe por ser vencida e varrida para sempre.

Assim será em Seia. Assim será em toda a Beira Alta.

6. Os comunistas para a frente com o povo

Camaradas e amigos:

Antes de terminar gostaria de dizer ainda algumas palavras acerca do que se passou antes deste comício.

Os fascistas pretenderam com toda a evidência intimidar o Partido Comunista e os seus militantes.

Mas julgaram eles que dando uns tiros contra comunistas e gritando «Cunhal morrerá em Seia!» impediam a realização deste comício?

Vê-se, camaradas, que os fascistas desta região têm os relógios atrasados dez meses, os dez meses decorridos desde o 25 de Abril. Já é tempo que os acertem.

Se, nos anos negros da ditadura fascista, quando tinham o governo, a PIDE, as forças armadas, todo o poder do Estado, não conseguiram intimidar os comunistas, nem conseguiram separar os comunistas do povo trabalhador — nem com perseguições, nem com prisões, nem com torturas, nem com longas condenações, nem com assassinatos — como julgam poderem agora intimidar os comunistas, agora que Portugal é um país democrático?

Se, no tempo da ditadura, os fascistas não conseguiram com a mais violenta repressão, impedir que os comunistas, obrigados à clandestinidade, fizessem ouvir a sua voz, como poderiam impedi-lo, agora que os comunistas não só têm o seu partido completamente legalizado como fazem parte do governo?

Os comunistas não se deixam intimidar. Hoje, tal como no tempo do fascismo, para servir o povo, para defender os interesses do povo, estão prontos a todas as provas e a dar a vida se necessário for.

No tempo do fascismo muitos comunistas foram assassinados. Mas por cada comunista assassinado, outros tomaram o seu lugar e prosseguiram o combate. Vivendo com o povo, lutando com o povo, o Partido Comunista nunca temeu as dificuldades e os perigos, nunca parou a sua acção, progrediu, tornou-se o grande partido nacional que hoje é, partido temido pelos exploradores e opressores e amado pelo povo trabalhador.

Na actualidade, não seria o assassinato de um comunista que travaria a roda da história. Se «o Cunhal morresse em Seia», o partido dos comunistas prosseguiria à mesma em frente com o seu povo para a construção de um Portugal democrático e independente, no caminho do socialismo.

Camaradas e amigos:

Podemos libertar para sempre Portugal da fome, da miséria, do analfabetismo, da opressão.

Temos aberto diante de nós o caminho que conduzirá a um Portugal em que portugueses não sejam explorados e oprimidos por outros portugueses.

A reacção será vencida. Existem em Portugal forças bastantes para assegurar o caminho da liberdade, do progresso, da melhoria das condições de vida do povo trabalhador. Juntos, o Povo e as Forças Armadas são invencíveis.

VIVA O POVO TRABALHADOR DA BEIRA ALTA!
VIVA A UNIDADE DO POVO E DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS NA LUTA
CONTRA A REACÇÃO E POR UM PORTUGAL DEMOCRÁTICO!
VIVA A ALIANÇA DO POVO COM O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS!
VIVA O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!